

Memórias de vivências na docência em escola pública: percepções de professoras aposentadas através da arte-etnografia¹

Sandra Maria Costa dos Passos Colling, FEEVALE/RS, Brasil

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS/RS, Brasil

Magna Lima Magalhães, FEEVALE/RS, Brasil

Palavras-chave: Arte-etnografia; Memórias; Professoras aposentadas.

Introdução

Este texto foi elaborado a partir das arte-escritas da tese intitulada “Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos: memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar do município de Portão²/RS”, defendida pelo Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Esta pesquisa se realizou a partir de fontes bibliográficas, documentais e, principalmente, da etnografia e da arte-etnografia em encontros com sete³ parceiras de pesquisa.

Para a etnografia primeiramente foi feita a rede de entrada em campo, para depois iniciar o trabalho com observação participante. Cada encontro foi organizado de acordo com roteiro de entrevista semiestruturado, que “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença atuante da pesquisadora no processo de coleta de informações, para que as descrições destas apresentem elementos para retroalimentação da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Cada registro teve um tratamento singular. Tanto as gravações de áudio quanto a fotografia têm papel fundamental neste trabalho de campo. Além das narrativas, as parceiras de pesquisa foram convidadas a produzirem imagens com materiais artísticos distintos, conforme suas memórias sobre a carreira profissional em educação. Esta etapa seguiu alguns pressupostos das pesquisas de Rita Irwin e Belidson Dias (2013). Ao realizar um trabalho de arteterapia com um grupo de professoras, Colling apontou que, conforme:

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre/RS.

³ As sete professoras aposentadas, Eoní da Rosa, Rosaura Gomes, Adreane Arnecke, Mariângela Werlang, Marisa Braga, Leila Rodrigues e Cândida Teixeira autorizaram, através de Carta de Cessão, o uso de seus nomes e de suas imagens, bem como de suas criações durante os encontros.

[...] o processo de cada uma e suas produções, percebeu-se um desejo de resgate e, ao mesmo tempo, de transformação. A necessidade de pensar, ser ouvido, imaginar, vivenciar, sonhar, elaborar, sentir, relacionar-se e ressignificar a própria vida (COLLING, 2007, p. 50).

Assim, em relação à arte, as atividades propostas durante os encontros com as professoras possibilitaram a criação de novas formas de narrar o vivido em educação por meio de imagens, desenhos, recortes, colagens, fotografias, instalações, pinturas e assemblagens, entre outras, numa prática “onde as interlocutoras são coprodutoras de conhecimento. Os movimentos que ocorreram durante a investigação foram de trocas e produção colaborativa e afetiva do material de pesquisa” (COLLING, 2021, p. 39). Como os encontros envolveram arte e etnografia, trato como já chamava em pesquisa anterior, como encontros “arte-etnográficos”. Obras de arte de vários artistas, entre eles, Bruno Novaes⁴ (Figura 1) foram importantes para abertura e fechamento de cada encontro: elas são fonte de conhecimento e sensibilização, pois muitas delas retratam ambientes e afetações de reminiscências de tempos escolares.

O que se pretendeu foi criar um campo para produzir uma zona de intensidade e pensar, juntamente com os teóricos, sobre o que nos dizem as imagens, narrativas, gestos e movimentos produzidos por profissionais da rede pública de ensino, dos anos iniciais do ensino fundamental, hoje aposentadas. Foi levantar dados, atentar para os “rastros” nas memórias do mundo do trabalho por meio das experiências pedagógicas relatadas, buscando compreender a estrutura escolar pública deste espaço e sua dinâmica, bem como a potência e o impacto das tecnologias de governo na carreira dos profissionais do ensino público e nas subjetividades sociais e individuais deste grupo investigado.

A etapa que se deu em campo foi realizada com um olhar diferenciado, à procura de um registro anterior do que se tem como imagem, através do ver o mundo com os sentidos. Visitar professoras aposentadas, pela *internet*⁵, propiciar momentos de produção visual relacionados a sua profissão, gravar suas falas, tudo fez parte do processo e trouxe consigo um rico material cultural, antropológico e poético.

⁴ Sobre o artista Bruno Novaes, ver mais em: <<https://www.brunonovaes.com/>>

⁵ Devido ao cenário pandêmico (Covid 19) de 2020 e 2021.

Nos encontros realizados, as conversas se deram a partir do roteiro, mas não de modo fechado, afinal a arte-etnografia possibilitou diferentes formas de perceber a identidade narrativa e o percurso docente de cada parceira de pesquisa. Estas lembranças colocam em jogo a potencialidade da arte como um tipo de força capaz de expandir os modos de pensar a docência, a educação e a escola (RANCIÈRE, 2020) (KOHAN, 2013). É relevante frisar que

Ao pressupor que não há como ter acesso a uma suposta verdade do sujeito falante e nem como propor formas de representações literárias – ou artísticas – que, por serem “mais equitativas”, são mais fidedignas, consideramos que o caminho aberto à prática etnográfica através da arte é um meio para dar lugar ativo à alteridade caso ela deseje esse tipo de interação prolongada (ROCHA; CERVO, 2019, p. 229).

Howard Becker (1994) nos incentiva, enquanto pesquisadores, a pensar outras formas de escrita. A artescreta é a potência de colocar o pensamento em movimento, reinventando o pensamento sobre si, os outros e o mundo (GÖRGEN, 2012). Aqui, juntamente com imagens de obras de arte contemporânea, pergunto, observo e instigo as parceiras de pesquisa, de modo que elas se sintam confortáveis para escolher formas inventivas de apresentar suas memórias. A partir disso, me utilizo de outras grafias para “discorrer junto e não acima, aproximar-se, arriscar-se, experimentar, não de interpretar” (MEJÍA, 2015, p. 92).

Cada encontro tinha, no início ou na finalização, a observação de alguma obra de arte contemporânea. Na maioria das vezes eram obras de Bruno Novaes, como citado anteriormente, mas, em outras, olhávamos obras de Ai Weiwei, Bruce Munro, Yayoi Kusama, Milena Costa de Souza, entre tantos artistas. Além disso, havia combinações com as mulheres para que pudessem pensar sobre as provocações de cada obra de arte e a forma como estas se relacionavam com suas reminiscências. Assim, “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (HALBWACHS, 2003, p. 55, grifo do autor).

Sem diagnóstico, nem prescrições, cada professora construiu formas, registrou e me encaminhou, como esta imagem elaborada por Cândida (Figura 2). Algumas enviaram áudios, outras, vídeos, escritas, traços. Muitas foram as criações destas mulheres durante nossos encontros, com o pensamento aberto à dúvida, ao desafio, ao novo a partir de seus sentidos, de seus afetos e de suas memórias. É relevante pontuar que, traços da

subjetividade de cada uma destas mulheres estão contidos em suas criações, como na de Marisa (Figura 3). Nestas elaborações, de forma sensível, se apresentam as memórias do mundo do trabalho em escola pública, com elementos das experiências pedagógicas e da estrutura escolar, perpassadas pelas tecnologias de governo.



Figura 2 - A escola e a visão - Cândida Teixeira



Figura 3 - Tato na escola - Marisa Braga

Em outros domínios das palavras e das imagens foi possível problematizar a experiência de si mesmo. A intenção é provocar o leitor, sendo professor ou não; afinal, cada um de nós, em algum momento da vida, foi aluno. Tendo mestres, inventor ou ignorante, tradicional ou contemporâneo nas formas de ver o mundo, somos capazes de ler este universo com as ferramentas de que dispomos: estas professoras aposentadas se abriram ao jogo da pesquisa e oportunizaram esta escrita (Figura 4), aberta agora a tantas leituras.



Figura 4 - “Bricolages” de professoras aposentadas

As diferentes formas de escrita, envolvendo pesquisadora e parceiras de pesquisa, demonstram, assim como na fruição da arte, o quanto temos do outro em nós. A imagem como lugar do aprender, tanto no espaço formal quanto não-formal em educação, é texto. Ela é mediação e apresenta componentes culturais.

Associo as imagens narradas e as narrativas imagéticas que as professoras aposentadas nos disponibilizaram a formas de expressão e comunicação, com potencial catártico pois permitem observar além de um repertório de eventos ou objetos visíveis, porque pressupõem uma compreensão de seus processos, os modos como operam e suas implicações. O constructo social, produzido, anunciado e aceito, está presente nestas visualidades.

Andar, ver, ouvir, riscar, traçar, recortar, pintar e escrever é sentir o sujeito ético, aquele mesmo que aparece nos projetos políticos-pedagógicos das escolas, que se constituiu numa pluralidade de experiências, numa abertura ao mundo e ao outro. Diferentes experiências estéticas possibilitam olhares para a diferença, para a tolerância,

para a ética. A arte conduziu nossos encontros e estes foram permeados por lembranças que

permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Através das memórias destas professoras aposentadas “é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis” e, com isso, cada percurso em educação pode ser pintado, recortado, desenhado “sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem” (BOSI, 1994, p. 60). As tensões diferem, mas não deixam de estar ali. Leitores que vivem hoje a escola podem se encontrar nestas grafias, pois

Não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam assim na memória. Às vezes lamentamos não haver aproveitado essa ocasião singular que tivemos de entrar em contato com períodos que hoje conheceremos somente de fora, pela história, por meio de quadros e da literatura. Em todo caso, muitas vezes é na medida em que a presença de um parente idoso está de alguma forma impressa em tudo o que este nos revelou sobre um período e uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória - não como uma aparência física um tanto apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e o condensa (HALBWACHS, 2003, p. 85).

Compreende-se a escola como lugar de encontro, da iniciação à vida pública, onde sujeitos de um mundo particular se reúnem para compor seus próprios encontros com a vida (GÖRGEN, 2012). Desde o início desta pesquisa o leitor foi estimulado a pensar a vida como uma obra de arte, assim como Nietzsche (DIAS, 2011), e aqui suspendem-se outras questões: o que podemos aprender com os artistas? Ou o que a docência pode aprender com a arte? Ou ainda, de que forma a arte contemporânea pode contribuir para fazer submergir sensações, afetações e lembranças de vivências em sala de aula, em professoras aposentadas?

Ora, se a docência pode ser artista (LOPONTE, 2005), com uma ética docente contaminada com uma atitude estética⁶, por que não pesquisar descortinando uma abertura às possíveis transformações do próprio pensamento (FISCHER, 2021)? Assim,

⁶ Estética como dimensão que amplia nossa sensibilidade moral (HERMANN, 2005).

o pensamento “reconduziria à sensação de familiaridade que temos quando um objeto visto ou evocado determina em nosso corpo os mesmos movimentos de reação que tivemos no momento em que anteriormente o percebemos” (HALBWACHS, 2003, p. 55). Afinal, ao ver um quadro verde com barras de giz branco, o que professoras aposentadas podem pensar e movimentar em seus corpos?

Partindo destas questões, num primeiro momento, as professoras foram estimuladas a utilizar os sentidos para pensar nos espaços das escolas: toques, cheiros, visualidades, gostos e sons. Outros modos de perceber o espaço escolar, num exercício de reaprender a ver (IRWIN; DIAS, 2013).

As professoras afirmaram, com palavras distintas, mas de igual significado, que revisitaram uma série de sensações vividas. O processo que experimentaram é mais importante do que o produto que cada uma apresentou. De qualquer forma, foi possível observar as escolhas e o envolvimento de todas estas mulheres nas atividades.

Rosaura, Adreane e Leila utilizaram-se mais de meios digitais para suas montagens, com fotografias, vídeos e áudios. Cândida, Marisa e Mariângela usaram, de modo geral, recursos naturais, criaram formas a partir de outras existentes na natureza e nos espaços onde circulam em suas casas. Eoní fez colagens e criou uma série de poemas e contos.

Não havia necessidade de que as professoras falassem sobre suas produções, mas em alguns momentos elas contavam sobre o que haviam tencionado ao realizar a experiência. É interessante considerar o tempo de fruição, de associação e de escolha de materiais, suportes e meios. E, também, na forma de encantamento com a atividade artística, participando de um processo que “mostra a realidade como passível de ser transformada, dominada e tornada brinquedo” (FISCHER, 1983, p. 252). Este movimento demonstra uma das funções da arte: recriar experiências em que o indivíduo se veja como parte de um todo e perceba sua capacidade de se metamorfosear.

As professoras aposentadas foram capturadas por memórias das mais diversas: o cheiro da merenda cozinhando, os gritos das crianças pulando corda no pátio, o frescor da água tirada no poço cavado que havia na frente do prédio, as cores dos lápis de cor e dos livros na prateleira no fundo da sala, a fricção do primeiro giz branco que seguraram na mão ao tocar o quadro que havia na sala onde observavam seus primeiros alunos.

Como lemos em Simmel (2006) e Velho (1986): interação, conflito, aprendizado e criação de modos de viver. Dessa mesma forma, a carreira em educação destas mulheres se montou, remontou, criou, recriou, inventou e se reinventou. Agora, a realização de

experimentos envolvendo a escola e os sentidos possibilitou vislumbrar novos arranjos, afinal

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, tratam-se, nesse novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender: e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 2004, p. 9).

A pesquisa que trata de memórias do mundo do trabalho de professoras, hoje aposentadas, da escola pública, traz estas mulheres como centro de uma tela, que não tem a intenção de mostrar a marca da primeira e da última pincelada, apenas as diferentes formas como se construíram, sem bula, nem receita. Cada uma, a seu tempo, com suas pausas e seus avanços, com suas perdas e suas conquistas. Antes de concluir, cada uma se doou por meio de seus processos artísticos e de suas narrativas, tendo exposto o que foi participar deste percurso investigativo.



Participar desta pesquisa foi mexer em lembranças que estão vivas em mim, porque, afinal, eu sempre gostei da escola. Eu tenho fé na escola, enquanto pessoa que estudou, e enquanto pessoa que educou também. Eu me envolvi nas memórias, nas lembranças, pensando por que eu fiz tal caminho, por que eu não fiz aquele outro caminho. Mas eu fui muito feliz enquanto profissional, eu fiz uma excelente escolha. Foi um presente, pensar sobre a escola, numa outra posição, agora aposentada.

Figura 5 - A escola e eu - Cândida Teixeira



Figura 6 - Memórias - Marisa Braga

Nossa, foi muito importante esse momento, foi o momento certo de fazer uma reflexão da minha trajetória e eu me sinto muito grata por isso. Eu senti cada momento vivido na escola. Tive a oportunidade de olhar pra trás e enxergar tudo de novo, sabe? Rever as coisas que eu acredito, manter a minha chama acesa, perceber novamente meu lado artista. Foi muito bom, sou infinitamente grata por essa participação. As memórias me fizeram pensar quem eu fui, quem eu sou, o que posso continuar fazendo, vivendo. Resgatei coisas e me fortaleci, me encorajei. Sem medo de riscar uma nova história daqui pra frente, com novos desafios.

Eu me reportei, me lembrei de quando eu iniciei minha carreira. A vontade de ser professora fez com que meu sonho se tornasse realidade. Os meus melhores aprendizados e conquistas passaram a ter um novo sentido. Pra mim, ser professora foi vivenciar um circuito de interações, de limites e de possibilidades com o outro, pois esse outro não é como eu, ele é diferente de mim. Eu sempre pensei que o professor é uma referência, onde se cruzaram muitas histórias de vida, distintas, mas tão próximas. A escola é um espaço de múltiplas expressões e é assim que eu me vejo nessa trajetória. Eu sempre procurei dialogar, pois dessa maneira percebia melhor os estudantes, e eles tinham mais chance de entender que a educação é importante pro futuro, que é através dela que podemos mudar esse mundo, essa história, ser alguém melhor. Tanto os alunos como os educadores com quem eu trabalhei, fazem parte da história da minha carreira, pois trocamos aprendizados, sem esquecer o respeito e a ética.



Figura 7 - Sentidos na e da escola - Rosaura Gomes

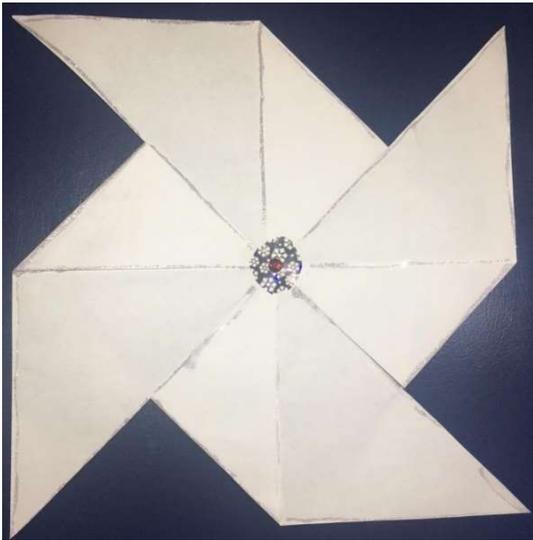


Figura 8 - Tempo na docência - Leila Rodrigues

Achei muito importante participar dessa pesquisa, pois pude relembrar tempos antigos, coisas que fiz, que deram certo, outras que não deram, relembrar os alunos, os lugares onde trabalhei, as pessoas com os quais convivi, os materiais, os objetivos do nosso trabalho como profissionais de educação. Foi muito importante pra mim. Agradeço por ter me convidado a participar. Tenho boas recordações que ficaram guardadas na memória. Tem dias que sinto falta do meu trabalho.

Ter participado dessa pesquisa foi uma ótima oportunidade de conversar sobre educação. Me senti muito honrada por ter sido lembrada. O aspecto mais marcante é que nesse período em que realizamos os encontros tive que voltar no tempo e relembrar momentos maravilhosos da minha trajetória profissional. Me trouxe ótimas lembranças, que emocionaram e despertaram muita saudade. Outro fato marcante foi ter a percepção de que, com certeza, o meu trabalho fez diferença na vida dos meus alunos e de suas famílias. Razão pela qual sinto, agora, uma enorme satisfação e certeza de dever cumprido. Faria tudo de novo.



Figura 9 - Aromas, sabores e aprenderes - Mariângela Werlang



Figura 10 - Dar cor, dar vida - Adreane Arnecke

Foi ótimo resgatar vivências e aprendizados em educação, em diferentes tempos e lugares. Consegui perceber os caminhos e como se deram e sentir o quanto foi bom. Este registro pode servir pras gerações futuras conhecerem um pouco do que a gente viveu e o quanto a gente sente orgulho do que fez e conquistou. Esses registros ficam, sobre um período, sobre as coisas que foram feitas, pras pessoas pensarem e repensarem as suas trajetórias dentro da educação. Eu acho que a gente deixa, enquanto professor, um legado na escola pública; de tudo que nela pode ser feito e da riqueza de nossa escola pública municipal

Participar da pesquisa me renovou porque, com o passar dos anos, a gente vai até esquecendo como é o dia a dia de uma sala de aula, quer ela seja em uma sala multisseriada da zona rural ou de turma única de um grupo escolar. Foi muito bom rememorar fatos que já estavam se escondendo no cantinho do esquecimento. Nesse ano, com os riscos da pandemia, as tardes de quarta-feira foram esperadas com grande expectativa. Em tempos de isolamento social, foi bom conversar e compartilhar ideias.



Figura 12 - Percepção das emoções - Eoní da Rosa

As experimentações contribuíram para que os encontros fossem abertos ao diálogo, à parceria e à construção desta pesquisa, numa rede de compartilhamento. As distintas grafias permitem “afirmar que essas mulheres se narraram, se colocaram dentro de uma ordem subjetiva” (COLLING, 2019, p. 170).

Alguns dos resultados dos processos artísticos vivenciados por estas professoras aposentadas, nos encontros arte-etnográficos, estão presentes nas aberturas dos capítulos do Tomo I, neste capítulo específico e, especialmente, no Tomo II desta tese (Figura 13). Estes processos, reunidos em forma de livro de artista etnógrafo, com as “artescritas” da pesquisadora, são parte da tentativa de reunir o pó de giz que resta nas mãos destas mulheres (Figura 13).



Figura 13 - Tomo II da tese de Sandra Colling (aberto)

Essa pesquisa arte-etnográfica propõe espaços, aberturas, ocupação por entre as frestas das memórias no mundo do trabalho em educação para que se possibilite novas formas de perceber este universo (Figura 14). Assim, “esse entrelaçamento de percursos, muito ao invés de constituir um fechamento, prepara, assim espero, nossos caminhos para se perderem na multidão” (CERTEAU, 1994, p. 22).

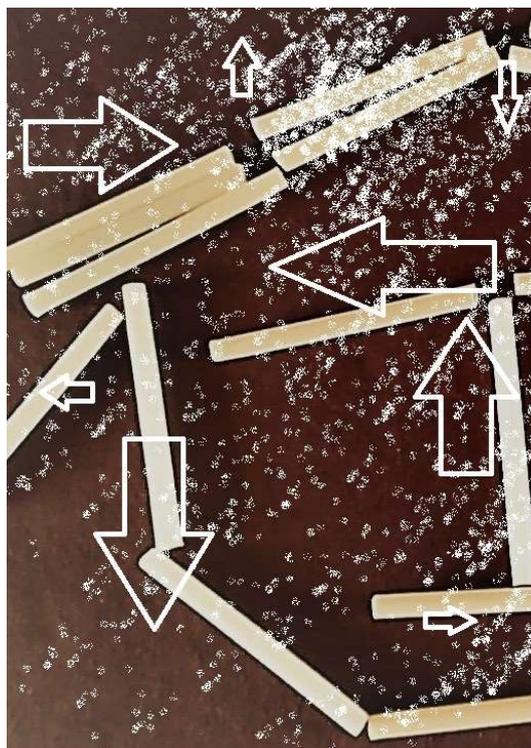


Figura 14 – Universo escola - Sandra Colling

Considerações finais

Ao percorrer os caminhos do aprender com as professoras aposentadas dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Portão/RS, as interlocutoras nos mostram, por meio de experiências sensoriais nos encontros arte-etnográficos, um número incontável de marcas e vestígios, além de possibilidades infindas de observar o vivido em educação. Observar e sentir.

O fazer escola se reinventa através das percepções: os sentidos refazem o caminho inverso para mostrar o modo como a escola reverbera no corpo de professoras aposentadas. Para além dos barulhos da escola com as interferências urbanas e dos barulhos da escola na composição sonora da cidade, são os barulhos da escola pulsando no corpo que se fez docente. Sons, cheiros, cores, sabores, vida: é a escola que ainda habita este “ser” professor.

O livro arte-etnográfico resultante dos encontros apresenta fotografias, escritas e criações artísticas realizadas pelas parceiras desta pesquisa, impulsionadas e desafiadas pela pesquisadora, partindo das memórias do mundo do trabalho em educação. Por meio destes fazeres é possível observar delicadezas, espaços, potências, traços e movimentos. Estes gestos são acompanhados por um “aquarelar” da pesquisadora numa tentativa de reunir o pó de giz que resta nas mãos destas professoras. Este trabalho é uma provocação a mergulhar nestes espaços: da escola, da cidade, do outro. Por dentro e por fora. Também é uma tentativa de oferecer outras formas de leitura e apresentar um pouco mais as ricas imagens que fizeram parte deste percurso rodeado de sentidos e percepções das reminiscências de mulheres em processo de envelhecimento sobre a docência em escola pública.

Referências

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. – 3. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução de Ephraim F. Alves. - Petrópolis, Vozes, 1994.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. **Da caixa de música ao perfume, tudo é tesouro! Estudo etnográfico sobre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do vale do Rio dos Sinos-RS**. 185 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. **O professor e o autoconhecimento: vencendo barreiras através da arteterapia**. 2007. 117 f. Monografia (Pós-Graduação em Arteterapia) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2007.

COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. Um fazer arte-etnográfico: memórias de mulheres num espaço de co-criação e afetos. **Iuminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 57, p. 33-55, outubro, 2021.

DIAS, Rosa. Vida como vontade criadora. In: _____. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 21-82.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**; tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. 254p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Por uma Escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/presenca>>

GÖRGEN, Neila. **Encontros com a artescreta: Composições com alunas de Curso Normal** / Neila Görgen. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012. 118 f.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. /Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HERMANN, Nadja. **Ética e Estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org.). **Pesquisa Educacional baseada em Arte**: A/r/tografia. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador/ tradução Hélia Freitas. - 1. ed.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas**. Porto Alegre, RS. UFRGS, 2005. Tese. 207f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Marcel Mauss / tradução Paulo Neves. – 2ª ed. – São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: DIAS, Adriana et al. **Vidas & grafias**: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro, Lamparina & FAPERJ, 2015, p. 90-110.

NOVAES, Bruno. **Site do artista**. Disponível em: <<https://www.brunonovaes.com/>> Acesso em: 29 jun. 2020.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 18ª ed. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual; tradução de Lílian do Valle – 3. Ed. 10. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; CERVO, Matheus. Antropologia em outras linguagens: experiências com o projeto “O Livro do Etnógrafo”. **Tessituras**. V. 7, n. 2, jul/dez. 2019.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.